

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 34

Data 28 de fevereiro de 1973 Pg.: _____

Trans-AM muito mais cara

Das Sucursais do Rio e Brasília e do correspondente em Manaus

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem confirmou ontem que os custos de construção da rodovia Transamazônica foram bastante superiores aos que estavam previstos. Em certos trechos, o custo por quilômetro que estava orçado em 65 mil cruzeiros chegou a atingir 306 mil cruzeiros.

O DNER explica a distorção, dizendo que a região era totalmente virgem e os trabalhos não podiam ser comparados com nenhuma outra rodovia brasileira. Os terrenos ondulados, escondidos sob a floresta, foram um dos fatores de encarecimento da obra.

Os gastos mais elevados são registrados no trecho entre Estreito e Itaituba, que com 1.254 quilômetros apresenta um custo médio de construção em torno de 200 mil cruzeiros por quilômetro, chegando a alcançar até 396 mil cruzeiros. No trecho Santarém-Cuiabá, o custo foi bem menor porque as condições geológicas são mais favoráveis.

Atração pode ser difícil na Peri-Nor

Para o superintendente da Funai, general Ismart de Oliveira, o trabalho de atração dos indígenas que habitam a região da Perimetral Norte será mais difícil do que o realizado na Transamazônica. Segundo ele, nesta os técnicos aproveitaram dois fatores propícios à construção da rodovia: o traçado abrangendo núcleos de

populações já existentes e a facilidade de contactação com os grupos indígenas. Em vez disso, na Perimetral, uma área quase inabitada, o trabalho poderá ser muito mais penoso.

O antropólogo Helio Rocha, que está em Manaus junto com o superintendente da Funai estabelecendo contatos com os organismos governamentais da Amazônia, discorda dessa posição. O antropólogo, que é assessor técnico da Superintendência dos Trabalhos de Atração e Pacificação de Índios ao longo das Rodovias, acha que a contactação com as 52 tribos que se calcula existir na área será bem mais fácil, porque o traçado da rodovia não corta verticalmente reservas ou territórios indígenas. Ele explica que se for obedecido o plano de contactação somente com as tribos que se localizam nos 100 quilômetros, ao lado das margens da estrada, o trabalho se tornará mais fácil, porque existem poucas tribos nessa faixa.

Na região do Amapá e parte do norte do Pará a atração dos índios não será tão difícil pois existem poucos agrupamentos arredios ou isolados. Na sua maioria são índios que já mantêm contatos com a civilização, por intermédio dos mateiros ou caçadores. A etapa mais difícil, segundo Helio Rocha, será o território amazônico e parte norte do Estado do Acre, onde existem dois grupos indígenas importantes: os yonomanis e os marubos que abragem cerca de 11 tribos.

LEVANTAMENTO

A principal preocupação da Funai, informa o general

Ismart de Oliveira, é resolver de imediato o problema da identificação dessas comunidades indígenas ao longo da Perimetral e levantar demograficamente todas as tribos que se localizam na região. Para isso, será feito um levantamento aerofotogramétrico e o reconhecimento terrestre e hidrográfico que fornecerão os dados necessários para a elaboração do plano de apoio à construção da estrada.

Helio Rocha não acha exagerado o cálculo de 52 tribos ao longo do traçado da Perimetral: "Pode haver alguma distorção, mas não é uma previsão exagerada. É o resultado de estu-

dos feitos por antropólogos e sertanistas experimentados. Esses elementos, com sua experiência e vivência com as mais variadas comunidades indígenas, apontam a existência daquele número de tribos, nos mais diferentes graus de civilização".

Embora considere a região do Amapá e norte do Pará, como de fácil acesso aos sertanistas e onde não deverão surgir dificuldades nos trabalhos de atração, o antropólogo destaca entretanto o grupo dos oyampiks, que ainda está isolado. Esse grupo habita a região dos rios Jari, Oiapoque, margens do Cuc, cabeceira

do Mapuri e Igarapé Ta-tuacu. São indígenas arredios que poderão, na opinião dos técnicos da Funai, criar alguns problemas nos primeiros contatos.

No Estado do Pará, existem muitos grupos, como os tiriyo e os warikianas, no rio Trombetas; os wai-wais, e os parukoths no rio Mauerá, que também se estendem até Mitu, na fronteira com a Colômbia. Ainda na região que a Perimetral irá cortar no território paraense, até o norte do Amazonas, encontram-se também as tribos dos pauxianas, damaniwas, waikás e kalinas, do grupo paneco, pouco conhecido.